



Percecionar com o Coração

Caros amigos,

Diz-se que Ramdas Swami, o guru de Shivaji, narrava o Ramayana de forma tão divina que até o próprio Hanuman assistia disfarçado. Numa das sessões, Ramdas descreveu o momento em que Hanuman olhou pela primeira vez para Sita depois de esta ter sido feita prisioneira e ter desaparecido. Ele encontrou-a sentada no jardim de Ravana, rodeada de flores brancas.

Ao ouvir a história, Hanuman saiu da sua absorção. Tirou o seu disfarce, levantou-se e disse: “Senhor, tenho ouvido as suas narrações com grande prazer, pois nada me dá mais gosto do que ouvir histórias sobre o meu Senhor, mas lamento informá-lo de que um pormenor está incorreto. As flores no jardim de Ravana não eram brancas, como descreveu, mas vermelhas. Sei-o de facto, pois estava pessoalmente presente e vi-as com os meus próprios olhos”.

A beleza na narrativa de Ramdas vinha do facto de ele ter visão divina. Ele não estava apenas a recontar o Ramayana, como tantas pessoas fazem. Ele estava a “vê-lo” em primeira

mão, como Sanjaya no Bhagavad Gita, e a descrever o que via. Com a confiança que tais capacidades perceptivas dão, Ramdas esclareceu Hanuman que se devia estar a lembrar mal desse pormenor, pois as flores eram brancas.

“Levemos este assunto a Lorde Rama”, declarou Hanuman, e foram ter com ele.

Depois de ouvir ambas as opiniões, Lord Rama disse: “Lamento, mas não consigo resolver a vossa disputa. Como veem, eu não estava presente na altura”.

Eles retiram-se e Hanuman disse: “Vamos visitar Sita”. Ela poderá confirmar que as flores eram vermelhas”.

Eles explicaram o assunto a Sita, e ela disse: “Ramdas fala a verdade. As flores eram puramente brancas. Não eram de todo vermelhas”.

“Como é possível?”, perguntou Hanuman. “Eu vi com os meus próprios olhos que as flores eram vermelhas”.

“Sim, viu-as como vermelhas”, explicou Sita, “mas nessa altura a sua visão estava toldada de raiva, tendo acabado de descobrir que eu era prisioneira de Ravana. Foi por isso que as flores brancas foram percecionadas por si como vermelhas”.

Hanuman tinha ficado tão zangado que a raiva tinha alterado a sua visão. Até as flores brancas pareciam vermelhas. Tinha entrado momentaneamente num estado de maya, de ilusão, e assim percecionou o real como não-real, e o não-real como real. Era um estado de perceção errado causado por um pensamento incorreto.

De forma semelhante, podemos imaginar um viajante medroso a caminhar sozinho à noite e que vê um pequeno percevejo a mover-se no escuro e confunde-o com um fantasma, e a seguir vê uma corda e confunde-a com uma cobra. Ou um homem que está a falar ao

*A razão pela qual somos incapazes de ver o real como real,
a causa original dos pensamentos e perceções incorretas, é
a bagagem interior que transportamos, ou seja, as nossas
samskaras.*



telefone com o seu chefe a meio da noite e a mulher pensa que ele lhe está a ser infiel. Em ambos os casos, a realidade das circunstâncias não é percebida, pois é vista através de filtros de pensamentos incorretos. Ambos os cenários começam com o desconhecido:

- a fonte desconhecida da luz;
- a identidade desconhecida da corda;
- a pessoa desconhecida que estava ao telefone.

O desconhecido está presente a cada momento, mas não deve dar espaço para o desenvolvimento da ilusão.

Este armazenamento de memórias emocionais condiciona agora a nossa interpretação dos acontecimentos. É como se estivéssemos a ver o mundo através de lentes coloridas.

Babuji Maharaj identificou a origem desta maya. A razão pela qual somos incapazes de ver o real como real, a causa original dos pensamentos e percepções incorretas, é a bagagem interior que transportamos, ou seja, as nossas samskaras.

As samskaras são impressões de experiências emocionalmente impactantes que se incorporam na nossa consciência e permanecem no subconsciente, exercendo uma influência subliminar nas nossas vidas, e levando-nos a ver a nossa realidade presente através da lente de experiências passadas. As nossas emoções e padrões de pensamento antigos sobrepõem-se à realidade presente, que conseqüentemente se torna enviesada. Este armazenamento de memórias emocionais condiciona agora a nossa interpretação dos acontecimentos. É como se estivéssemos a ver o mundo através de lentes coloridas.

Lembro-me de que n' O Feiticeiro de Oz, se acreditava que tudo na cidade de Oz era verde-esmeralda, mas era apenas uma ilusão. Oz era como outra cidade qualquer. A ilusão do verde era mantida porque a cada residente era dado um par de óculos com lentes de cor verde e era esperado que os usassem sempre. As lentes coloridas deram aos residentes a falsa impressão de que a cidade era de cor verde.



A verdadeira visão imparcial vê as coisas tal como elas são, sem adição ou subtração, sem julgamento ou interpretação a nível emocional. A visão emerge quando todos os filtros desapareceram e os nossos shastras identificam esta visão pura como darshan.

O filme era ficção, mas a nossa visão da vida real é distorcida tal como lá acontecia. Os enviesamentos que experienciamos nas nossas vidas acabam por ser piores porque, ao contrário dos cidadãos de Oz, cuja visão foi obscurecida por um único par de óculos, nós temos vários filtros a obscurecer a nossa perceção. Um par de óculos pode ser facilmente removido, mas os nossos filtros são tão profundos que a nossa alma transporta-os juntamente com a nossa consciência de uma vida para outra vida. Os “óculos” que usamos não são de uma única cor, têm sim várias tonalidades incorporadas nas suas lentes, de forma a que se tornam quase opacas. Além disso, estes filtros simplesmente aparecem sem aviso prévio. Quando a luz da realidade é impedida de entrar na nossa consciência, vivemos na escuridão, numa espécie de inferno.

As samskaras enviesam a nossa perceção, e levam-nos a julgar as coisas como boas ou más. Julgamos certas coisas como belas e outras como feias, umas como santas e outras como profanas. Não percebemos o facto de que o divino está em todo o lado, que a beleza está em todo o lado. O julgamento existe nos olhos de quem o vê. Sobrepomo-lo à realidade. A verdadeira visão imparcial vê as coisas tal como elas são, sem adição ou subtração, sem julgamento ou interpretação a nível emocional. A visão emerge quando todos os filtros desapareceram e os nossos shastras identificam esta visão pura como darshan.

A maioria das pessoas entende o darshan no seu sentido limitado, nomeadamente, vislumbrar uma pessoa santa. Muitas pessoas viram Lord Krishna durante a sua vida e quase ninguém o viu como ele era. Então, quem conseguiu ver o seu darshan no verdadeiro sentido? Faz-me recordar a frase de Babuji: “Muitos vêm para me ver, mas ninguém me vê realmente”.

Muitas pessoas odiavam Lord Krishna. Muito poucos o amavam. Duryodhana rebaixava-o,

chamando-lhe um mero mágico. Arjuna admirava-o, mas via-o de uma forma limitada, como um amigo. Mesmo Radha, no seu imenso amor e adoração por Krishna, não o via em toda a sua magnitude como o Senhor do Universo. Todos os que o viram tinham uma perspectiva diferente. Ninguém viu a verdade completa.

Isto acontece porque cada pessoa é única. Dos milhares de milhões de pessoas que existem neste mundo, imaginem quantas impressões existem coletivamente, quantos condicionamentos trazemos para o tempo que partilhamos aqui na Terra, e quantas perspectivas individuais existem. Geralmente, o resultado é o desacordo e a desunião.

Nem sempre fomos assim. Originalmente, todas as consciências eram idênticas. A visão pura da realidade era realizada por todos. As diferenças infiltraram-se com os pensamentos erróneos, e aí começámos a criar os nossos próprios mundos. Babuji descreve estes mundos como ilhas que se afastam umas das outras, que se afastam da união e vão em direção à individualidade, ao isolamento e à existência movida pelo ego.

O ego, pela sua natureza, é egocêntrico e procura a sua própria sobrevivência. O maior medo do ego é a destruição da sua identidade. Na sua perspectiva, até a morte física é preferível à morte do ego. Preocupado com a continuidade da sua existência, o ego quer continuamente ver-se a si próprio, como que a olhar num espelho para garantir que ainda existe.

Como pode o ego ver-se a si próprio quando não tem forma própria? A resposta está na identificação com objetos externos conhecidos ou perceptíveis pelo eu subjetivo. Quando se identifica com algo externo, afirma: “Eu sou isto”, e fica satisfeito. Pode identificar-se com a mente, com o corpo, ou até mesmo com coisas externas ao organismo humano, tais como a cultura, a língua, gostos, posses, etc.

Uma vez, ao responder a uma carta, Babuji escreveu: “É bom que gostes de ter o darshana dos maha-purushas (santos)”. Melhor seria tentar ter o darshana de si mesmo”. Para se

Para se ter o darshana do verdadeiro Eu, é preciso abandonar as falsas identidades que o ego colecionou.

ter o darshana do verdadeiro Eu, é preciso abandonar as falsas identidades que o ego colecionou. Mas o ego está altamente apegado às suas falsas identidades. Quando são ameaçadas, o ego pode manifestar-se de forma agressiva. Notem como se sentem quando algo que consideram que faz parte de vocês é criticado: a vossa religião, o vosso país, a vossa comunidade, a vossa família, etc. A intensidade desse sentimento indica a intensidade das identificações do ego, as máscaras da verdadeira identidade.

Os egos firmes destroem a união. Quando trabalhamos em grupo, os outros podem querer fazer as coisas de forma diferente de nós. Se estivermos demasiado identificados com as nossas próprias ideias, até mesmo as sugestões construtivas que os outros fazem vão-nos parecer ameaças pessoais. Imaginem o resultado se todos num grupo decidissem fazer as coisas à sua maneira! Perspetivas diferentes são saudáveis quando nos mantemos flexíveis e evitamos batalhas de ego.

Um estilo de trabalho egoísta cria um entrave ao trabalho do Mestre de nos tornar transmissores da energia divina. Se o fluxo da energia divina encontra resistência dentro de nós, cria fricção. Fenómenos como movimentos súbitos durante a meditação são um sinal de resistência no sistema.

O ego e as samskaras são parceiros. As samskaras formam-se quando reagimos emocionalmente. O ego é o elemento reativo em nós, desencadeando a formação da samskara. Porque é que o ego reage? Reage quando uma das suas identificações é reforçada

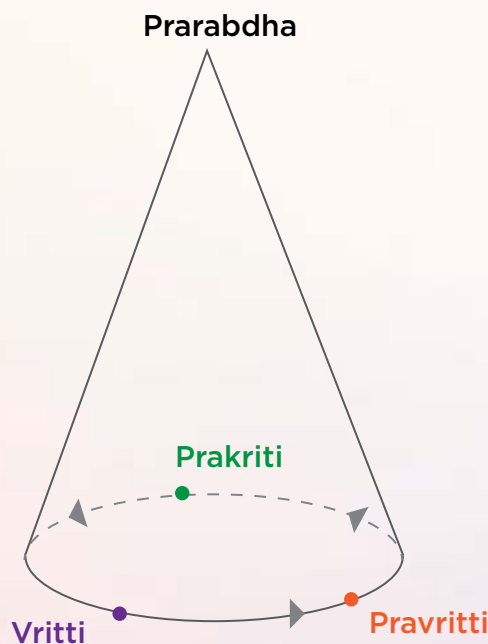
As árvores do destino de cada um de nós crescem a partir de sementes de samskaras plantadas no solo do ego. As nossas samskaras geram as intenções dos nossos corações, que a mente trabalha para as satisfazer. O funcionamento e as tendências da mente são conhecidos como vrittis. As nossas vrittis, por sua vez, impulsionam as nossas pravrittis (tendências). Juntos, vritti e pravritti dão cor à nossa prakriti (natureza) com as qualidades dos três gunas: sattva, rajas e tamas.

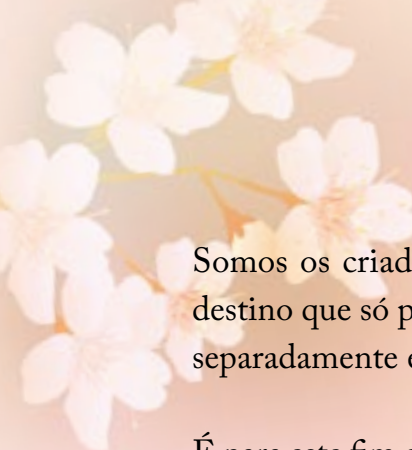
ou ameaçada. Esta reação surge sob a forma de “gostar” ou “não gostar”. A emoção positiva ou negativa produzida nessa reação torna-se então uma impressão.

De forma complementar, as samskaras determinam os objetos com os quais o ego se identifica. O ego e a samskara são assim co-criadores da maya, filtrando a nossa percepção e distorcendo a nossa visão da realidade.

As árvores do destino de cada um de nós crescem a partir de sementes de samskaras plantadas no solo do ego. As nossas samskaras geram as intenções dos nossos corações, que a mente trabalha para as satisfazer. O funcionamento e as tendências da mente são conhecidos como vrittis. As nossas vrittis, por sua vez, impulsionam as nossas pravrittis (tendências). Juntos, vritti e pravritti dão cor à nossa prakriti (natureza) com as qualidades dos três gunas: sattva, rajas e tamas.

De acordo com as qualidades da nossa natureza, continuamos a repetir certas atividades. Uma pessoa que gosta muito de comida continua a ir a restaurantes. Um surfista continua a perseguir ondas. Um cinéfilo continua a ir ao cinema. Tais atividades facilitam a aquisição de certos tipos de samskaras, únicas na natureza de cada pessoa. De vida em vida, a atividade incessante e a acumulação de samskaras definem a nossa natureza. É isto que entendemos como prarabdha (destino).





Somos os criadores dos nossos destinos, mas existe também um destino divino, um destino que só pode ser realizado depois de termos dissolvido os nossos mundos criados separadamente e efetuado a nossa própria pralaya (dissolução) individual.

É para este fim que o grande Rishi Patanjali ofereceu o caminho do Yoga, através do qual podemos negar o vrittis que de outra forma desenharia o nosso destino e nos manteria a girar na espiral da maya. Foi com o mesmo propósito que Pujya Babuji concebeu os métodos para remover as samskaras que sustentam o nosso vrittis. Chit vritti nirodh é, em certo sentido, o estado de Yoga. Alimentar o nosso vrittis nunca será bom para nós. É por isso que é uma yogya, não Yoga.

Infelizmente, a tendência do ego é defender a sua criação e identificar-se com vritti, pravritti, prakriti e prarabdha. Isto faz com que mudar seja difícil. O amado Chariji costumava dizer que um tolo reconhece os seus erros apenas em retrospectiva, se os reconhecer de todo. Que uma pessoa inteligente percebe os seus erros enquanto os comete, e que uma pessoa sábia percebe os erros antes de os cometer e evita-os.

Como qualificar as pessoas que veem os seus erros, mas que insistem teimosamente que as suas ações estão corretas? Como podem as pessoas assim transformar-se? Como é que podem transformar a sua pralaya individual quando estão tão ocupadas a construir a sua criação? É como querer transformar cobre em ouro: como é que pode alguma vez acontecer? Isto talvez explique porque é que falhamos miseravelmente em nos mudarmos a nós próprios. Também pode explicar porque é que, no diagrama de 23 círculos de Babuji, os anéis do ego suportam os anéis de maya.

O Sahaj Marg oferece-nos treino interior para cultivarmos um estilo de vida que nos permite realizar tarefas nobres sem formar samskaras. A remoção do fardo das samskaras é fácil. A acumulação de samskaras durante o dia é removida durante a nossa limpeza noturna. As samskaras passadas desta encarnação são limpas por preceptores durante os sittings individuais. As samskaras de vidas passadas são removidas durante bhandaras durante satsanghs de grupo na presença física do Mestre e, se o abhyasi for dedicado e chegar a layavastha, em qualquer altura.

Prevenir a formação de samskaras é um desafio. Evitar impressões enquanto se vive neste mundo é como evitar o pó de carvão dentro de uma mina de carvão, ou ficar molhado quando se caminha numa tempestade. Não podemos evitar a chuva, mas podemos

proteger-nos de nos molharmos vestindo uma capa de chuva. O que pode servir de “capa de chuva” para a mente e para o coração, para que não sejam afetados mesmo durante agitações emocionais? Através do “fato protetor” do lembrar constante, que está cheio de amor por Deus.

O lembrar constante é um tipo especial de filtro. Filtra as impressões antes que estas manchem a nossa consciência. Com a sua “capa protetora” de humildade, o lembrar constante filtra o ego e liberta-nos dos efeitos das tendências, para que o destino divino permaneça visível. Até o mundano e o ilusório se tornam extraordinários e divinos quando a nossa percepção permanece profundamente imersa no amor pelo nosso Criador. Se Deus é divino, então a Sua criação é divina, pois a Fonte e o resultado são um só. Tudo se torna divino.

Com amor e respeito,

Kamlesh

Por ocasião do 123º aniversário de nascimento de

PUJYA SHRI BABUJI MAHARAJ

29 e 30 de abril, 1 de maio de 2022

heartfulnessTM
advancing in love